

FHC perde paciência em solenidade

O presidente Fernando Henrique Cardoso perdeu ontem a paciência com os convidados à solenidade de posse do ministro Extraordinário de Política Fundiária, Raul Jungmann, que conversavam sem parar e em tom alto, atrapalhando o seu discurso.

“Eu pediria às pessoas que estão ouvindo e assistindo (à cerimônia), que se manifestassem um pouco mais tranquilas hoje aqui”, disse o Presidente, interrompendo o discurso para exigir silêncio e atenção dos presentes. “Eu acredito que, em certos momentos, se faz necessária a atenção e o respeito, senão ao Presidente, ao tema em discussão”, atacou Fernando Henrique, irritado.

O pito do Presidente, embora ele não soubesse, foi dirigido aos parlamentares, que se aglomeravam em um canto do salão onde estava sendo realizada a cerimônia de posse e não paravam de conversar. Por alguns instantes, fez-se silêncio, mas como o discurso do Presidente foi longo, em seguida o burburinho recomeçou. Praticamente todos os parlamentares que ainda se encontravam ontem em Brasília foram à posse de Jungmann, que se juntaram aos funcionários do Incra e do Ibama.

Sono - Fernando Henrique

demonstrou impaciência desde cedo, ao participar da cerimônia de comemoração do Dia do Diplomata, no Itamaraty. Ele estava de cara fechada. “Era sono”, justificou Fernando Henrique no final da tarde, já mais descontraído, após a terceira solenidade, quando entregou o prêmio Moinho Santista aos professores que desenvolveram trabalhos na área da educação fundamental. Fernando Henrique dormiu poucas horas na noite de segunda para terça-feira, por conta da discussão do índice de 12% de reajuste do salário mínimo.

Menos tenso, no final da tarde, o Presidente nem se irritou e até sorriu quando o professor Expedito Cardoso de Araújo, encarregado de discursar na terceira cerimônia, se dirigiu ao Presidente chamando-o de Fernando Cardoso de Mello.

Na quarta e última cerimônia do dia, o Presidente voltou ao seu tradicional estilo de discursar, fazendo vários gracejos com os presentes. Ao governador de São Paulo, Mário Covas, por exemplo, disse que não ia se referir ao Banespa porque sabia que este assunto “dava urticárias”.